



A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

| | |
|--|-------|
| ANNO (52 números) | 48000 |
| OITO MEZES (até ao fim deste anno) | 32000 |
| SEMESTRE (26 números) | 25000 |
| NUMERO AVULSO | 10000 |
| SUPPLEMENTO | 500 |
| NUMEROS ATRAZADOS | 10500 |
| SUPPLEMENTOS ATRAZADOS | 10000 |

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Direcção de *José Barbosa* —

ESCRITÓRIO E REDACÇÃO
115 Rua do Ouvidor 115

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I.

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 24 de Outubro de 1895

N. 25

A CIGARRA

A Cigarra congratula-se com a Patria Brasileira pela promulgação da Amnistia.



Ficou deliberado que a segunda conferencia litteraria se realizará no proximo dia 10 de novembro, no salão do *Pedagogium*. Fallará Coelho Netto sobre o thema : *Machado de Assis e a sua obra*.



Um livro novo: *Suicida!* romance de Figueiredo Pimentel, editado pela casa *Fauchon*. A capa é illustrada por *Julião Machado*.



Chegou da Europa Annibal Falcão, a quem *A Cigarra* felicita vivamente.



O Sr. ministro da guerra mandou hoje entregar ao mordomo do palacio de Itamaraty uma caixa de madeira contendo uma bella espingarda Mauser, offerecida ao Sr. Presidente da Republica. Na tampa do estojo lê-se o nome do Dr. Prudente de Moraes.

(A NOTICIA, 21 Outubro)



— ALERTA, INHAMBUS !...



.... Se assim é, minhas senhoras, também eu vou dizer a minha opinião sobre o casamento.

E' a questão do dia. O Rio de Janeiro fez-se philosopho. A rua do Ouvidor está atulhada de physiologos e de psychologos. A cada passo, dá-se um pontapé n'um systema. A cada esquina, acotovella-se uma theoria. Se virdes cinco ou seis janotas, abancados a uma mesa do Paschoal ou postados à porta do Londres, ficae sabendo que estão com certeza discutindo qualquer d'estes pontos graves de que, parece, dependem a sorte da Familia e o destino da Patria, e, por consequencia, a sorte e o destino da Humanidade: 1º onde pôde residir o amor verdadeiro e duradouro? no concubinato ou no casamento? 2º devem os conjuges dormir juntos?; 3º etc., etc., etc.»

Essas graves questões começaram por preocupar um romancista; depois preocuparam a critica; depois a chronica; depois os artigos de fundo. Agora, até a mesma grave *Revista Brasileira* acaba de entrar na discussão.

E' a questão do dia, repito. E não me queixo d'isso, porque a mania é inoffensiva. Antes agitar discussões psychologicas que não atam nem desatam casamentos, do que agitar discussões politicas que atam e desatam estados de sitio. E, se assim é, minhas senhoras, também em vou dizer a minha opinião sobre o casamento!

Todos os que se revoltam contra as desvantagens da actual instituição do matrimonio dão, como causa dellas, o tédio. Se o adulterio vem macular o leito nupcial, foi o tédio que o trouxe. Se as relações entre conjuges acabam aos pontapés, foi o tédio quem creou as rixas e as vias de facto. Sempre o tédio! Como evital-o? Os que leem pela Cartilha de Balzac querem que os conjuges não durmam juntos, por hygiene e por decencia. Os que leem pela Cartilha de Aluizio querem mais que os esposos tenham de quando em quando uma separação radical, que viajem, que tenham saudade um do outro. Michelet acha que tudo isso é revoltante:

« Oh ! quand on aime, comment ne pas envier le logis du menuisier mon voisin, qui n'a eu tout qu'une chambre? » E é esta a receita que o divino Poeta dá para a felicidade conjugal: *resserrer le foyer.*

Minhas senhoras! vou dizer-vos uma cousa que vos espan-

tará: creio que a unica cousa que um homem e uma mulher podem razoavelmente fazer, quando se amam, é casar, sem querer saber do que pensam Michelet e Balsac,— casar como todo o mundo casa, dormindo em um só leito ou em leitos separados, conforme é este ou aquelle o costume da terra em que casaram. Philosophos, poetas e romancistas não endireitam o mundo: o mundo é torto, e torto será por toda a eternidade. Desgraçado do amor, que raciocina! desgraçado do homem que, antes de casar, passa uma hora a reflectir nas consequencias d'esse passo! Passo mais grave deu elle quando nasceu: e, não reflectiu, antes de saber se fazia bem ou mal em nascer. Amigo! se na tua terra é habito viverem os conjuges amarrados um ao outro, de dia e de noite, ao enxergão da mesma cama, deixa-te pacientemente amarrar á tua mulher, e vae vivendo assim mesmo, ao Deus dará. O segredo da felicidade é não procurar ser mais feliz do que os outros. Se te aborreceres de tua mulher, lembra-te de que ha milhões de homens que, á mesma hora, estão também profundamente aborrecidos das suas. Se ella te fôr infiel, lembra-te de que não és tu o primeiro desgraçado a quem succede tal cousa. Ama a, enquanto puderes amal-a: quando não puderes mais amal-a, estima-a; quando não puderes mais estima-a, atura-a; e, quando não puderes mais atural-a... continúa assim mesmo a atural-a. Casa como teu pae casou, que elle também casou como teu avô, e nem por isso, deixou de ter na vida momentos bons e momentos máos... Vive como todo o mundo vive, amigo! não procures ser original, porque darás com certeza em maniaco.

Este caso do tédio conjugal da-lo como principal causa das dissensões domesticas é engraçadissimo. Quero eu agora que me digam se ha alguem, solteiro, viuvo ou casado, que se não aborreça n'este mundo! A vida em si já é um aborrecimento: e de cem mil homens só um homem sae voluntariamente da vida. Ainda agora mesmo, no volume das *Varias Historias* de Machado de Assis, acabo eu de ler a esplendida fantasia *Viver!* Ahasverus agonisa. Uma aguia, que passa, diz: « ai, ai, ai! deste ultimo homem! está morrendo e ainda sonha com a vida! » Ao que uma outra aguia, que, pelos modos, conhece a fundo o coração humano, responde: « nem elle a odiou tanto senão porque a amava muito! » Olha, amigo! não ha quem não se aborreça da vida! e, no emtanto, não ha quem sinceramente deseje morrer de todo.

Separar os leitos? para que? para sentir o tédio de os ter separados, e novamente, d'ahi a pouco, juntal-os? Isso lembra-me um amigo meu, que descobriu um remedio singular contra o tédio. Quando estava enfarado de tudo, do sol, das arvores, das mulheres, e da vida, punha sobre os olhos uns oculos negros. Começava então, atravez dos vidros enfumacados, a ver o mundo negro. Assim ficava uma hora. O tédio crescia, avultava, dilatava-se, chegava ao auge, tornava-se intoleravel. Então elle tirava os oculos. E a alégria de ver tudo de novo claro e alégre, matava-lhe logo o aborrecimento antigo, de maneira que assim se curava um mal aggravando-o.

Em Zurich, (é Michelet quem conta o caso) quando um casal vinha pedir divorcio, o magistrado, antes de ouvil-o, fechava-o durante tres dias n'um quarto, em que os conjuges tinham á sua disposição um só leito, uma só mesa, um só prato, e um só cópo. Ao cabo de tres dias, (dizem as chronicas do tempo) o casal já não queria o divorcio. Porque

porque marido e mulher, enfastiados da sua ligação conjugal, se convenciam de que havia ainda uma ligação mais estreita, e mais apertada, e mais dura, e menos toleravel: e, tendo-a experimentado, volviam consolados á primeira.

Santo Deus! todos fallam contra o casamento; e todos casam. E casam uma, duas e tres vezes!

Amigo, se amas, casa! e deixa correr o barco! Não te deixes levar por theorias nem por livros. Philosophos e poetas nunca endireitaram, nem nunca endireitarão o mundo. Faze o que todo o mundo faz.

« Não peças á vida mais do que o que ella te póde dar! »

E com esta maxima, que deve ser de Simão de Nantua, digo-te tudo, amigo! casa e sê feliz.

Não é verdade, minhas senhoras, que esta é a melhor opinião sobre o casamento?

Fantasio

LIVROS NOVOS

A passada quarta-feira foi dia de grande gala para as letras brasileiras, pois que n'esse dia appareceu um novo livro de Machado de Assis,—o querido Mestre a quem toda a roda litteraria, sem distincção de escolas, acata e venera. *VARIAS HISTORIAS* intitula-se o volume que a Casa Laemmert editou com um raro capricho. Se todos os editores brasileiros caprichassem assim!... Ainda ha alguns dias, Guimaraens Passos, na sua *correspondencia* litteraria para o excellente *Commercio de S. Paulo*, escrevia:

Os poetas, os romancistas esbofam-se, e, com muito trabalho, vendem por meia pataca seus livros a editores, que os imprimem em papel de jornal, com typos gastos e tintas desmaiadas, pondo-lhes uma caratula tão feia, que os freguezes disparam, apavorados. Mas a Casa Laemmert não lê por essa cartilha. Deu-nos as *Varias Historias* n'uma bella edição elzeviriana, digna do Mestre e do seu rico estylo fidalgo,—o mais apurado, o mais sobrio, o mais ambrosamente cuidado estylo, que jámais tenha empregado um escriptor brasileiro.

O volume, de trezentas paginas compactas, contém os seguintes contos:

« *A cartomante; Entre Santos; Uns braços; Um homem celebre; A desejada das gentes; A causa secreta; Trio em lá menor; Adão e Eva; O enfermeiro; O diplomatico; Mariana; Conto de Escola; Um apologo; D. Paulu; Viver!; O conego, ou metaphysica do Estylo.* »

Para prefacial-os, escreveu o mestre as seguintes linhas, que abrem o livro:

« As varias historias que formam este volume foram escolhidas entre outras, e podiam ser accrescentadas, se não viesse limitar o livro ás suas trezentas paginas. E' a quinta collecção que dou ao publico. As palavras de Diderot que vão por epigraphe no rosto desta collecção servem de desculpa aos que acharem excessivos tantos contos. E' um modo de passar o tempo. Não pretendem sobreviver como os do philosopho. Não são feitos d'aquella materia, nem d'aquelle estylo que dão aos de Merimée o character de obras primas, e collocam os de Poë entre os primeiros escriptos na America. O tamanho não é o que faz mal a este genero de historias, é naturalmente a qualidade; mas ha sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medibres: é serem curtos. »

Não cabe aqui a critica da formosissima collecção das *Varias Historias*. Criticar Machado de Assis!... *A Cigarra* só sabe amal-o e admirar-o, sem palavras. Nas *Varias Historias*, como nos *Papeis Avulsos*, como nas *Historias sem data*, como no *Braz Cubas*, como no *Quincas Borba*, ha aquelle mesmo amor da psychologia e aquelle fina ironia que fazem Machado de Assis ser, sobre um artista, um pensador para quem a alma humana não tem segredos. Dirão que o pensador é pessimista; que a sua analyse, fria e cruel, deixa uma dolorosa impressão de desconsolo; que a sua ironia dóe como uma punhalada; dirão que... Ah! meus irmãos! a vida é aquillo mesmo! Machado de Assis escreve, torturando-se a si mesmo, rasgando as suas proprias entranhas, pondo a nú os seus nervos. Que importa? abençoadas dôres humanas, essas que criam tão

bellas paginas, onde o escriptor mostra amar e conhecer a sua Lingua com um fervor de fanatico, (cousa tão rara n'estes tempos de nephelibatismo grammatical!)

Ao grande mestre envia d'aqui a *Cigarra* uma braçada de rosas. Cahindo agora n'este meio sôrna, o seu livro é uma esmola feita ao nosso espirito...

*

Outro livro novo: *A alma alheia* de Pedro Rabello. Pedro Rabello estreiou ha dois annos com um livro frio e marmoreo, em verso,—*Opera Lyrica*. Eram estrophes trabalhadissimas, parnasianas, em que se conhecia a tortura do labor paciente do artista. Eram bellas: lendo-as, admirava a gente a instrumentação sabia das syllabas, o bem achado das rimas, a pureza da lingua. Mas faltava alli a alma do poeta...

Alma alheia é um livro de contos. Aqui, sim! aqui está a alma do escriptor. A invenção é nova; o modo de conduzir o enredo é sobrio e original; um grande sopro de vida e de paixão atravessa estas paginas; o estylo... Ah! o estylo... O estylo é puro e bello; mas tem por vezes o defeito de imitar de muito perto o de Machado de Assis. E' um defeito? Naturalmente nunca a imitação será uma qualidade boa. Mas imitar um grande mestre não é um defeito grande. Depois, nos seus contos mais recentes, já Pedro Rabello se vae libertando da influencia de Machado de Assis.

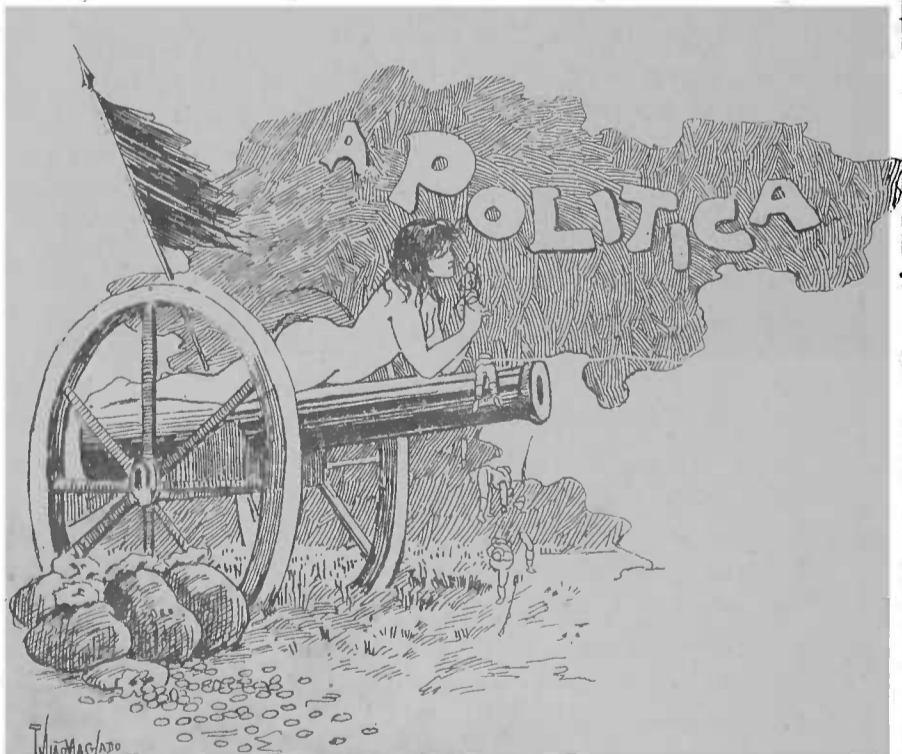
O que se não póde dizer é que falte talento ao livro. Pelo contrario: *A alma alheia* é um volume em que o talento de Rabello arde e palpita em cada pagina.

*

Outro livro novo: *Livro mão*, de Figueiredo Pimentel. Sabem? Gosto muito do Figueiredo Pimentel: por isso mesmo nada escrevo do *Livro mão*! Para que hei-de eu, sem proveito, dizer cousas desagradaveis a um rapaz que estimo?...

O.

No dia 16 de outubro de 1890, passou o *Jornal do Commercio* a ser propriedade da firma J. Carlos Rodrigues & C. Dizer os melhoramentos porque passou de então para cá o importantissimo órgão da imprensa brasileira seria inutilmente insistir no que é de todos conhecido. Saudando os nossos illustres collegas, que no dia 16 d'este mez celebraram o 5º anniversario da sua nova organização, fazemos votos para que o velho e glorioso jornal cada vez mais creedor se torna da estima do publico.



Emfim, estamos mais desafogados. Acalmadas as questões do sul, sabido que o general Galvão, ao contrario do que se dizia, não será exonerado do alto e providencial cargo militar que desentpenha n'aquellas barulhentas e anarchisadas regiões,— parece que vamos poder respirar um pouco. E' uma felicidade. Emquanto durou o inverno, ainda podia a gente supportar com algum sacrificio essa atmospheria politica, tão carregada de raios. Mas, com o verão, já a cousa seria devéras intoleravel.

OS VICIOS DO RICO



O PROFESSIONAL

Tem fé — a fé salva. As vezes a sorte nega-se e os lucros não dão para folganças, mas vai-se vivendo com a ajuda d'uns *ganchitos* inconfessáveis. A sua grande ambição: — poder voltar á terra a esmagar com a ostentação de brilhantes e abundantes breloques de ouro de lei, uns que elle lá deixou. Ah! hade pagar-lh'as, a velhaca da Rita que o abandonou para se metter com o outro...

O PEQUENO EMPREGADO PUBLICO

Arrisca mais frequentemente do que póde. Se o Copurcindo Richelieu da Silva tirou d'uma vez 90\$000! Ia acertando o mez passado — por um 7 não apanhou 900\$000. *Noventos mil réis!*... Que ambições realisadas! elle que sonha com um frack bem cortado e com ceroulas de côr! E a Carmen que adora o Champagne e as meias de seda!

A DAMA INDEPENDENTE

Joga por crise de nervos ou por crise financeira. No primeiro caso joga forte, á larga e compraz-se em dizer ás amigas quanto perde — *sommas* de dama bem relacionada no commercio da rua do Ouvidor e adjecencias. Tem numeros fixos — o dos seus annos, o da sua porta, o da porta de X. ou de L. etc.

Quando joga por crise financeira manda a creada — e então queima o penultimo cartucho, — o ultimo: o *prégo*.

O CHEFE DE FAMILIA

A's vezes falta o vinho... Verdade é que ha dias em que falta nada. A familia habita aos caprichos da sorte — nos dias magros só a creada...

o com...
Como as coisas
são mais de tudo
E, á final, p...
o commercio seria
Com a differença
requisitos elle
se mais demorado
Os promissos
pela sua (se)

VICIOS DO RIO

I
PONTOS E BANQUEIROS



O COMMERCIANTE

Como as cousas vão mal é preciso lançar mão de tudo.

E, a final, pensando bem o que é commercio senão um jogo d'azar? Com a differença apenas que para os «resignados» elle tem a vantagem de ser mais demorado que qualquer outro. Os preconceitos? Ora bolas! Quem engorda com isso?

O CREADO DE RESTAURANT

Um collega do café Tal tirou ha tempos desoito contos com dez mil reis. E' desde então que elle começou a acreditar no jogo dos bichos. Quando perde tem distrações que pasmam os freguezes a quem traz dobradinhas á bahiana em vez do gruyere pedido. Para elle cliente que não dê gorgeta—é Jacobino.

O ENGRAXADOR

Se a Fortuna é cega deve tropeçar frequentemente. Quem tropeça tambem cahe. Ora se ella cahe pôde muito bem roçar os que vivem de joelhos.

LORD BOOKMAKER

Quando ganha,— Eh! eh quem ter vicios? paguem. Quando perde,— Corja de vagabundos que se sustentam a minha custa. !

MACHADO

Póde a alma viver, suffocada de receios e de desgostos, quando o corpo, lepidó e forte, está mergulhado n'um ar fresco e confortante. Mas, quando o corpo, suado e quebrado, se arrasta dentro de um vasto forno assassino, de onde ha-de a alma tirar a energia precisa para resistir ao boato, á intriga, á decepção, a todas as torturas de uma situação política embaralhada e inextricavel? Graças rendamos ao Senhor Deus, que teve pena dos nossos padecimentos, — se é que realmente Deus tem tempo para se preocupar com as cousas da Camara e com os embrulhos do Partido Republicano Federal.

X

Ha, porem, um caso, cuja solução não é tão facil como a das guerras do sul. E' o caso da Trindade. Em dia da-semana passada, um telegramma de Londres annunciava que o gabinete inglez, reunido extraordinariamente, ia tratar d'essa questão. Logo, a anciedade publica despertou e cresceu. Que sahiria d'alli?

No dia seguinte, começou insistentemente, nascido não se sabe de onde, a correr a cidade o boato de que a decisão do governo inglez lóra contraria aos interesses e aos direitos do Brazil.

Não houve, ao ser recebida essa noticia, motins na rua do Ouvidor. O patriotismo exaltado não, arreventou de novo as taboietas das casas inglezas. E é caso para se dar parabens a o patriotismo. Mas, o cambio, o assustadiço cambio, o sensibilissimo cambio deu logo um mergulho na baixa. Até a hora em que

escrevo, nada sei, como ninguem sabe, de positivo sobre o boato corrente. Mas, ha um ditado popular, segundo o qual, as más noticias são sempre certas. Surdo seja o diabo, e desmentidos sejam todos os proverbios!

X

Infelizmente, para quem conhece a Inglaterra, tudo é de temer. Ainda ha poucos dias, um dos correspondentes da *Gazeta de Noticias*, Diniz Brito de Itajubá, que n'essa folha assigna a *Revista inglesa*, contava miudamente o modo porque a Inglaterra costuma tratar as questões internacionaes, e a astucia, a perfidia, a manha perversa, com que ella, abusando dos direitos de todo o mundo, ficou senhora dos mares e das ilhas. O egoismo é a sua principal qualidade. A má fé é a sua primeira virtude. A protelação é o seu melhor instrumento. Que temos nós a oppôr a tudo isso? temos a nossa boa fé, temos a nossa precipitação, temos a nossa falta de juizo, temos a nossa falta de diplomacia.

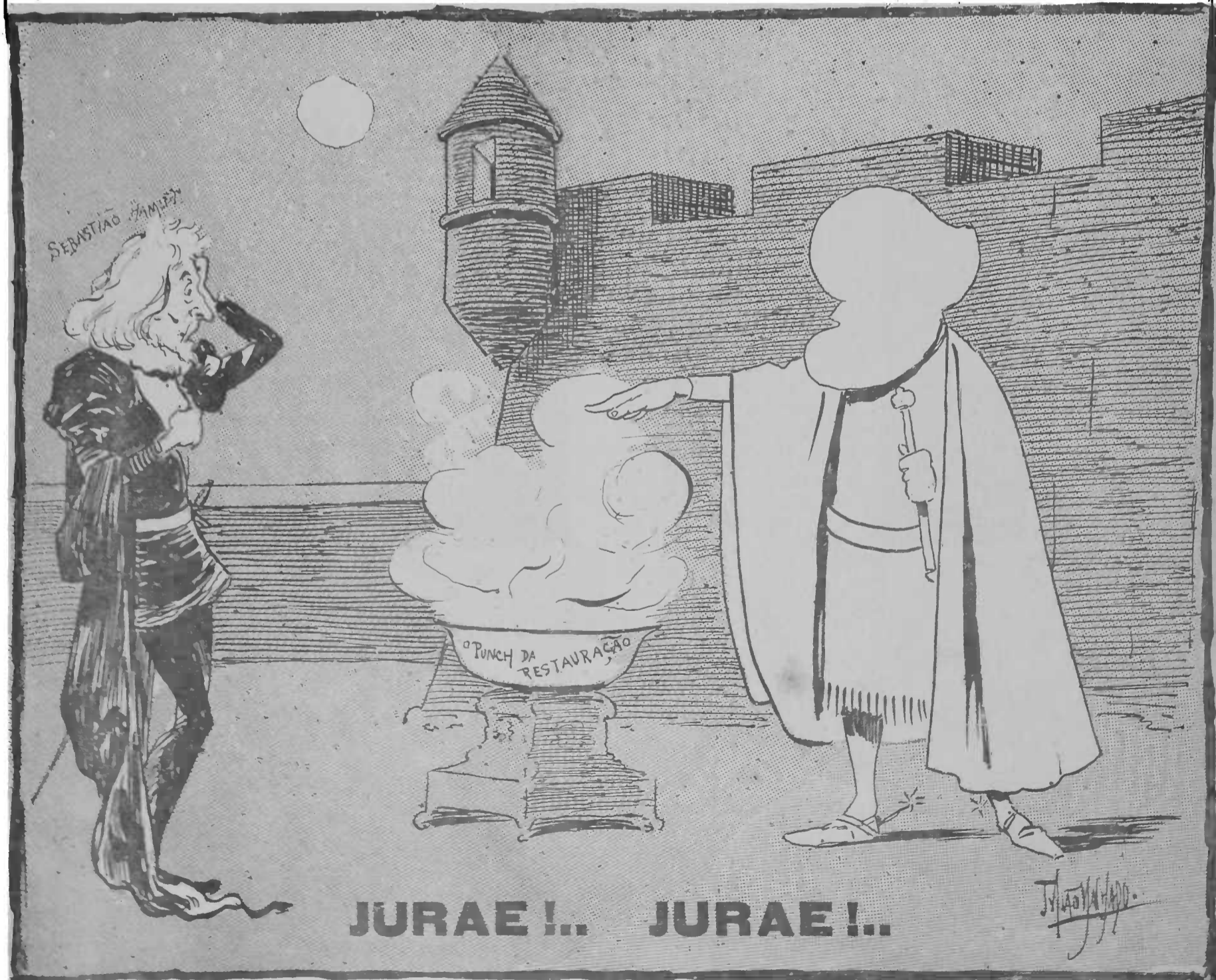
X

Oh! a nossa diplomacia! Porque fallar de cousas tristes? Não ha-de ser *A Cigarra*, a jovial, a futil, a fraca *Cigarra* quem ha-de salvar a *Patria*! Ninguem lê esta folha para n'ella encontrar o meio de consolidar a Republica. Mette a tua viola no sacco, *Cigarra*! o teu reino não é d'estas questões...

Oh! a nossa diplomacia!... Que cousas tristes se escreveriam aqui sobre ella, se *A Cigarra* não fosse *A Cigarra*!

L. F.

HAMLET — ADAPTAÇÃO Á POLITICA BRASILEIRA



Extrahido do album de uma *mundana*:
« Amo as creanças quando são pequenas e os diamantes quando são grandes.»

Uma quarentona, que esconde a idade:

— Tenho justamente a idade do Christo...

Alguem:

— Como? pois V. Ex. já tem mil oitocentos e noventa e cinco annos?

N'uma meza de jogo. Jacques joga o *écarté* com um bohemio extremamente sujo.

— Graças a Deus! — diz o bohemio, ganhando uma partida.

— ganhei o meu almoço de hoje! Vou agora jogar o meu aperitivo!

Ganha de novo:

— Bem! agora vou jogar o jantar.

Torna a ganhar:

— Agora vou jogar uma cadeira de theatro!

Ganha ainda. E Jacques, interrompendo-o:

— O meu amigo! já que está tão feliz, porque não joga um banho?



Como não houve, nestes sete dias acabados, nenhuma primeira representação, nem cousa alguma que mereça ser contada aqui, aproveito a falta de assumpto para responder a uma pergunta que aos dramaturgos brasileiros fez ha dias o mysterioso L. B. da *Noticia*. O mesmo L. B. ha-de perguntar aos seus botões o motivo pelo qual eu, não sendo dramaturgo, venho metter o meu longo nariz abelhudo em cousas que não são da minha competencia. Que queres, mysterioso correspondente d'*A Noticia*? em a cousa me cheirando a discussão não tenho mão em mim. Demais, o ponto que se controverte não exige, da parte de quem o vae discutir, que este seja um Paileron ou um Dumas Filho: exige que tenha um pouco de bom senso. E, em materia de bom senso, sou um poço. Isto posto, vamos ao caso.



Trata-se do debatidissimo caso da *Verdade no palco*, e, mais particularmente, de saber 1º se o monologo e o aparte podem ser admittidos na comedia moderna; 2º se, como propõe um escriptor francez, o monologo e o aparte, podem ser substituidos pela mimica.

Tenho um meio simples de discutir a questão em poucas linhas: é reparar no que, em resposta á consulta de L. B., escreveu o meu illustre collega A. A. no seu penultimo folhetim *O theatro d'A Noticia*. Tem elle a palavra:

« A questão é uma questão vencida. Tanto o monologo como o aparte estão ha muito tempo condemnados, e não ha hoje dramaturgo digno d'esse nome que de taes recursos lance mão. Se o soliloquio é absurdo, porque ninguem falla alto quando se dirige aos seus botões, mais absurda ainda seria uma gesticulação tão expressiva, que transmittisse ao espectador o pensamento do personagem.»



Perdoe-me o illustre A. A.! — Aqui estou eu que, quando me dirijo aos meus botões, fallo em voz alta. E, como eu, ha centenas de milhares de homens. Mais ainda: gesticulo, quando penso. Não vejo em que seja absurdo o soliloquio.

Depois, dado e provado, como está á saciedade, que o verdadeiro absurdo é querer *fazer verdade* no palco (onde tudo tem por força de ser profundamente falso, desde o scenario até o rubor das faces das actrizes) não vejo em que possa um bom monologo prejudicar uma boa peça. *Le Mariage de Figaro* de Beaumarchais não valeria o que vale, se não tivesse aquelle estupendo e admirabilissimo silloquio de *Figaro* no 5º actõ.

Em arte, tudo é falso. A arte da pintura consiste em obter bons efeitos de perspectivas falsas. Em litteratura, a arte consiste em exprimir sentimentos n'uma linguagem falsa, pois que não é nem pode ser a linguagem que, todo o mundo falla. Se o soliloquio é absurdo porque o commum dos homens não falla alto quando está só, mais absurdos são os dramas e as comedias em verso, porque, positivamente, nunca jámais na vida ninguem fallou em verso!



Perdoe-me o illustre A. A.! Ha um caso em que o monologo deve ser rigorosamente banido de uma peça: é quando é mau. Quando tem ideias, quando o auctor o escreveu com estylo, quando o actor o diz bem, — venha o monologo! Mais ainda! venham cem mil monologos, que nada terão de absurdos!

Such.

Fausto Cardoso, no ultimo sabbado, offereceu a Aluisio Azevedo, em regosijo pela publicação do *Livro de uma sogra*, um banquete, no *Globo*. Jantaram alli, n'uma doce convivencia, Aluisio, Machado de Assis, Ferreira de Araujo, Valentim Magalhães, Arthur Azevedo, Souza Bandeira, José Verissimo, e mais alguns homens de espirito. No dizer de Fr. Bartholomeu dos Martyres, « foi jantar de muita vacca e riso. » Não houve brindes. Em compensação, houve critica litteraria, anedoctas, confidencias, e alegria a rôdo. *A Cigarra* não pode comparecer. Mas, ainda assim, agradecendo o convite que recebeu envia d'aqui saudações ao festejado romancista



SAIVE, RAINHA!

Bem dita sejas tu entre as mulheres!



Não sei que tu me recordas;
 Não sei que vejo e que escuto,
 Que mysteriosas cordas
 Vibram tremula surdina,
 Quando, com triste sorriso,
 Como apparição divina,
 Tu me surges, de improviso,
 Tão branca! e toda de luto...

Tão branca! No fundo escuro
 Da roupa que em ti se ajusta,
 Nuvem tenuê, cáe seguro
 Da cabeça um longo véu;
 E a disfarçada alegria
 Que o teu rosto a ensaiar custa
 Parece que diz, Maria,
 Que tens saudades do céu!

Teus passos rapidos sigo...
 Com que carinho os escuto,
 Desejando, a sós comigo,
 Ser o ditoso caminho,
 Que vaes pisando assustada,
 Como um anjo ou um passarinho
 E segues alvoroçada,
 Tão branca! e toda de luto...

Paraste, e emfim, te contem plo:
 Lembras-me uma estatueta
 De Maria Antonieta
 A archiduzqueza infeliz:
 A rainha está no Templo,
 E' de marfim a cabeça
 E a roupa, de uma só peça,
 E' toda negra, de onix.

Ha tal piedade em teu rosto
 Que, mais do que leio, escuto
 Nelle um intimo desgosto
 Chorando ignota alegria.
 Meus olhos se arrazam d'agua
 Tu me pareces, Maria,
 A doce estatua da Magua,
 Tão branca! e toda de luto...

Far-te-ia a miniatura,
 Se fora Cellini, e logo
 N'uma lagryma de fogo,
 N'uma lagryma de dôr,
 Guardara a breve esculptura,
 Como em redoma sagrada;
 Serias, alli guardada,
 Nossa Senhora do Amor.

Serias o meu delirio,
 O meu encanto absoluto,
 Minhas horas de martyrio,
 A minha existencia inteira;
 Toda noite e todo dia
 Em extasis, em cegueira,
 Eu te adorára, Maria,
 Tão branca! e toda de luto...

E, em contemplação suprema,
 Alheio de todo ao mundo,
 Ardente e mystico poema
 Recitaria a teus pés,
 Que os fakires indianos
 Não têm amor tão profundo,
 Nem têm votos tão insanos,
 Nem supplicios tão crueis.

Perdôa, se te confesso
 Tão audaz, tão resoluto,
 O que debalde a mim peço
 Para esquecer todo dia!
 Mas como, se, de repente,
 Visão pallida e inclemente,
 Tu me appareces, Maria,
 Tão branca! e toda de luto!?

Buenos-Ayres, Junho, 1894.

Guimaraens Passos.